

## RETORNO AO NÍVEL ORIGINAL DA PERFEIÇÃO

Saudações, meus caros, caríssimos amigos. Que esta noite seja uma bênção para cada um de vocês. Que ela lhes dê a inspiração e a ajuda necessária para dar mais um passo na busca, na jornada para encontrarem a si mesmos.

De vez em quando, é importante reiterar o que é o trabalho do caminho e qual o seu objetivo. É importante olhar sempre sob uma nova luz, de um ângulo diferente. Um caminho como este não deve ser considerado como outra coisa senão uma ajuda para preencher a vida de cada um o mais possível, para que cada um se preencha nesta vida. Ele não deve ser visto como uma cura, nem como um luxo que se aceita simplesmente por ser “interessante”, porque sem dúvida “mal não faz”, e porque sobra tempo na vida para essa atividade interessante. Na realidade, é muito mais importante, muito mais fundamental. E se houver uma cura, é apenas como um aspecto secundário. O verdadeiro significado do trabalho do caminho é descobrir no eu aquilo que leva à realização do destino pessoal de cada um. Olhar o trabalho do caminho por esse prisma evitará muitos equívocos.

Até amigos meus que são muito diligentes e cheios de boa vontade neste trabalho muitas vezes menosprezam, se esquecem ou ainda não entendem suficientemente que tudo de que se possa precisar existe no homem em total e completa perfeição. Esse potencial é uma realidade. E é da descoberta desse nível, onde essas possibilidades se tornam realidade, que trata o trabalho do caminho.

No plano físico do homem, isso é evidente. O sistema físico funciona com absoluta perfeição quando são seguidas as leis físicas. Quanto menos elas são seguidas, por ignorância ou autodestrutividade proposital, tanto mais o homem se afasta do nível físico em que a perfeição é uma realidade. Estou enunciando esse conceito assim de propósito, pois existe uma diferença entre estar ausente o perfeito funcionamento das faculdades físicas de uma pessoa e a ideia da saúde física, e o conceito que apresento aqui agora, ou seja, o nível em que existe o funcionamento perfeito é exatamente aqui, só que vocês se afastaram dele. Aos poucos, entendendo as leis e como vocês as violaram, a saúde pode ser restaurada e pode-se voltar, passo a passo, ao nível original, onde existe o funcionamento perfeito. Se o conceito tantas vezes defendido fosse correto – de que o funcionamento perfeito “vai embora”, por assim dizer, não seria possível reconquistá-lo. Vocês somente podem reconquistar o funcionamento perfeito porque vocês estavam afastados dele e voltaram para ele. Quanto mais se afastaram desse funcionamento perfeito, mais difícil é refazer o caminho de volta através das diversas causas e efeitos, através de todos os pontos da reação em cadeia. Qualquer um pode ver facilmente que, a princípio, enquanto não havia interferência com as leis do funcionamento físico, o sistema físico foi disposto pela natureza de tal forma que ele opera com absoluta perfeição, proporcionando ao homem força e bem estar.

Por estranho que pareça isso é menos evidente para o homem quando se trata dos níveis mental e psíquico. Ali atuam leis idênticas e é exatamente a mesma coisa. De acordo com a natureza, o homem, assim como seu corpo, deve funcionar em perfeição e, portanto sua vida mental e emocional deve funcionar em perfeição. Quando o homem percebe esse nível original, ele está “em casa”. Atinge aquilo, em seu íntimo, que pode trazer-lhe o que a vida deve lhe cumprir e o que ele está destinado a cumprir na vida – pois as duas coisas são uma só.

Esse preenchimento, em sua variedade e sua possibilidade ilimitada de experiência profícua e expansão, é uma realidade que existe permanentemente do lado de dentro. Quando o homem está insatisfeito e infeliz, ele se afastou com sua consciência dessa possibilidade, desse potencial. É de suma importância, meus amigos, pensarem na questão desta forma. Pois assim vocês encurtarão as peregrinações que os afastam desse centro do seu ser, onde residem uma força, uma possibilidade, uma sabedoria e um poder, que nenhum de vocês consegue ainda compreender plenamente.

Antes de voltar a este ponto, por que é tão difícil para vocês entender, gostaria de expor o seguinte. Vamos recapitular, de um ângulo diferente, o que acontece quando se afastam dessa possibilidade. Cada conceito, cada ideia, cada pensamento e cada ação são ambos causa e energia. Eles colocam em movimento uma energia que gera uma série de reações em cadeia. Por ser causa, também geram efeitos. A energia que gera as reações em cadeia produz os efeitos da causa original, do núcleo original de energia. Na última palestra falei do princípio da autoperpetuação. A sequência de reações em cadeia provocada por qualquer pensamento, ideia ou ação é exatamente o que eu queria dizer – ela se autoperpetua, uma vez que o pensamento original é emitido.

Se esse pensamento ou conceito original estiver de acordo com a verdade, as reações em cadeia fatalmente serão construtivas, positivas, sem conflito, concordantes e levarão a mais expansão, mais construtividade, mais concordância e assim por diante, já que o princípio da autoperpetuação está em ação. Quando o conceito original está errado (ou seja, em qualquer momento, em qualquer situação, um ser humano formula um conceito ou pensamento ou intenção concebido com erro), as reações em cadeia resultantes são necessariamente negativas, limitadoras, destrutivas e discordantes.

Vamos tomar qualquer ideia que formulem. Essa ideia, seja verdadeira ou não, os levará a determinadas suposições. Essas suposições lhes levarão a determinadas ações (ou falta delas). Estas, por sua vez, provocarão respostas e reações dos outros e pelo mundo que os rodeia. As respostas deles também provocarão novas reações em vocês, de modo que vocês formulam outros conceitos que são reunidos em todas as interações que se seguem. E assim por diante. O equívoco original leva a um erro mais grave, a um equívoco maior, a mais distância da verdade naquele aspecto. Cada causa produz um efeito. Esse efeito se torna simultaneamente uma nova causa, produzindo um novo efeito, que por sua vez se torna a causa do próximo efeito. Esta é a natureza da reação em cadeia que se autoperpetua.

Quando é ativada uma reação em cadeia negativa, cada elo, que é simultaneamente causa e efeito, precisa ser feito, entendido e em seguida abandonado, para que a personalidade descubra o caminho de volta ao nível original onde não existe conflito algum e onde a expansão profícua é uma realidade. Nesse nível, existe ausência de medo, existe paz, desenvolvimento ilimitado, estímulo – tudo que o homem pode desejar. Quanto mais distantes estiverem, tanto mais difícil se torna encontrar o caminho de volta. Como acontece com a saúde física debilitada, acontece também no plano mental e psíquico. Quanto mais as leis são transgredidas, mais reações em cadeia negativas passam a ocorrer. As leis mentais e psíquicas são tão exatas e definidas quanto as leis do corpo físico. Elas podem ser entendidas de maneira semelhante e não são mais difíceis de captar ou determinar. O sistema físico contém uma força curativa inerente que está sempre pron-

ta a cooperar com o homem, se tiver uma chance. Ou seja, quando o homem faz um esforço para entender as leis, para corrigir a falha, quando ele confia nessa força curativa natural e ao mesmo tempo faz o melhor que pode, esse poder vital começa a operar. Acontece exatamente a mesma coisa nos planos mental e psíquico. Ali também existem poderes curadores. Esses poderes pendem para a integridade, a construtividade, a produtividade, a expansão, a realização. Se o homem deixar que eles atuem, sentindo sua direção e removendo os obstáculos que violaram as leis envolvidas, essas forças curadoras psíquicas se tornam um poder cada vez maior que lança o homem para frente.

Quanto mais distanciados estiverem devido às suas confusões mentais e emoções destrutivas, tanto mais difícil se tornará voltar àquele nível original. Corrigir cada elo da cadeia enche o homem de pavor. Irracionalmente, ele tem medo porque isso parece exigir dele algo que não está disposto a dar.

Pois bem, meus amigos, este é, sucintamente, o trabalho deste caminho, reformulado. Creio que se puderem concebê-lo dessa maneira ligeiramente diferente, isso vai ativar em vocês uma nova energia, um novo incentivo, um novo *insight*. E também é muito importante entenderem que a vida, para qualquer um que queira vivê-la com sucesso, precisa ser vivida de acordo com essas premissas, ou seja, descobrir o caminho de volta a esse potencial original; conhecer as leis que regem o sistema físico, o mental e o emocional; entender a perfeição dessas leis e segui-las.

Qual é, essencialmente, a maior violação que leva a novas reações em cadeia de violação, erro, confusão, destrutividade? Eu diria que a mais importante é a ignorância desse processo. Quando o homem ignora seu potencial inerente, os poderes ilimitados que possui (literalmente, meus amigos!) para ter exatamente aquilo de que precisa, para todas as circunstâncias, esta é uma violação fundamental que inevitavelmente resulta em mais separação e destruição. Quando o homem percebe que não há nenhuma situação em sua vida que precise permanecer não resolvida, infeliz, assustadora, que ele tem em si todas as possibilidades para resolver qualquer problema que o aflija, independentemente de qual seja, quando ele percebe isso, ele concretizou a principal premissa, que lhe proporciona a possibilidade de voltar a esse nível de realização do qual se afastou no decorrer de muitos, muitos séculos. Esse afastamento pode existir em algumas áreas apenas, enquanto em outras áreas da personalidade a pessoa pode estar em contato muito estreito com esse nível original de perfeição, de vida dinâmica e de desenvolvimento. Mas existem as áreas deterioradas que o homem trouxe consigo para esta vida. Não saber que tem a possibilidade de destruí-las – esse é o maior dos obstáculos. Pois, meus amigos, por mais estranho que possa parecer, embora as pessoas, a princípio possam estar perfeitamente cientes dos fatos que acabei de descrever, como uma teoria e uma filosofia, muitas, muitas vezes essas mesmas pessoas ignoram e não conseguem aplicar isso às suas áreas problemáticas, por estarem perplexas, sem esperança e paralisadas porque simplesmente não lhes ocorre que elas têm dentro de si a possibilidade de corrigir qualquer situação em que se encontrem que não seja do seu agrado.

O homem não pode usar ou ativar esse poder ilimitado com propósitos exteriores se ele não tiver primeiro administrado isso nele mesmo. Isto significa que ele precisa sanar as áreas debilitadas de seu ser. Ele precisa usar o poder para voltar ao ponto de partida do nível original de perfeição. Ele precisa usar o poder para passar da destrutividade para a construtividade, da separação para a inclusão. Ele precisa usar o poder para tomar consciência de onde ele prejudica sua integridade e, portanto, transgride as leis psíquicas. Ele precisa usar o poder para deixar para trás a pseudosseguurança do ódio e da crueldade e transformar-se em uma personalidade que ama os outros. Quando ele usa o poder para, primeiramente, verificar quais são suas ilusões sobre si mesmo e descobre que não é tão direito e amoroso como pensava, e depois usa esse poder para mudar essa situação, este é um uso adequado dos poderes à disposição. Uma vez que o homem adquire domínio de si dessa maneira, o poder automaticamente se expande e se amplia. Por meio desse domínio, a percepção de que ele e todos os outros são um só não será uma simples palavra, e sim uma realidade viva

dentro dele. Mas enquanto ele não dominar a si mesmo, esta percepção será no melhor dos casos uma simples palavra e, no pior dos casos, não significará nada. Enquanto o eu e os outros parecerem separados, necessariamente parecerá que existe um conflito de interesses entre o eu e os outros, que força o homem a ser destrutivo – ou o eu ou o outro. E como eles são um só, ambas as alternativas acabarão por afetar o outro e também o eu. Portanto, o poder não pode ser usado, pois para isso precisa haver um sentimento livre, feliz, desinibido, que não pode nascer do conflito.

A primeira condição para voltar a esse estado original de perfeição, de possibilidades ilimitadas, de expansão e experiência significativas, de prazer supremo, é saber que esse nível está intacto no interior do homem, precisando apenas ser ativado pela consciência. Mas ouvir, meus amigos, ou mesmo pensar vagamente, não é a mesma coisa que saber. E esse conhecimento precisa ser cultivado. A consciência de que o seu problema imediato pode ser resolvido e que vocês têm dentro de si todo o necessário para isso, este é o primeiro passo de qualquer fase.

Muitas vezes o homem não quer nem mesmo admitir essa possibilidade. Pois essa possibilidade, se pensarmos bem, revela quando e como o homem infringiu as leis envolvidas e quando e como precisa corrigir a situação. Na realidade, isso nunca é indesejável. Na realidade, isso sempre é imensamente bom, de qualquer ponto de vista imaginável. Não priva, mas exige coragem e integridade. Parece que esse processo de correção cobra um preço alto. Mas na realidade, o que cobra um preço alto é fugir do enfrentamento da situação em sua totalidade. De fato, como eu disse anteriormente, quanto mais tempo isso for feito, mais o homem se afasta de tudo que é bom e pacífico, e, portanto maior se torna o preço que ele inevitavelmente paga. O homem, tolamente, se coloca em uma situação desalentadora, porque espera evitar a correção que aparenta ser um sacrifício.

Pois bem, meus amigos, quando vocês olham sua vida e se perguntam onde poderiam se expandir mais? Onde poderiam experimentar a vida com mais profundidade e plenitude? Onde poderiam ser mais isentos de qualquer tipo de desarmonia em seu íntimo ou à sua volta? Onde poderiam dar e receber mais? E quando reconhecem com precisão as áreas vazias ou destrutivas, e quando admitem a possibilidade de contarem em si mesmos com as ferramentas para sanar a situação, nesse momento vocês vão fazer o que tem uma finalidade e é construtivo, o que é de fato necessário. Tudo o mais virá como consequência. Vocês terão a possibilidade de refazer as diversas reações em cadeia negativas, descobrir as leis em questão e alterar sua atitude e seu comportamento em relação a essas leis. Vocês vão trabalhar com as leis, e não contra elas. Mas enquanto passarem por cima das suas dificuldades, do seu vazio, ou passarem por cima de sua causa e fingirem que a causa tem pouco ou nada a ver com vocês – pelo menos com vocês agora – não poderão voltar para onde precisam estar em seu íntimo.

A infração seguinte da lei mental é a das falsas ideias. Já falamos muitas vezes sobre isso, em muitas formas diferentes. Todo conceito falso do homem está sempre diretamente relacionado, de alguma forma, com o fato de não querer aceitar uma verdade sobre si mesmo. Precisamos fazer a diferença entre áreas gerais da vida, da ciência, da filosofia, que não tem influência direta alguma sobre a vida pessoal ou que ainda estão além de sua atual capacidade de compreensão. Não é preciso dizer que o homem em seu estado atual, geral de desenvolvimento não pode saber tudo. Mas quando isso se aplica a áreas que o homem é basicamente capaz de entender, desde que não tenha bloqueios e seja honesto consigo mesmo, toda inverdade que ele aceitar em suas crenças afeta sua vida interior e exterior, pois essa falsa crença é um produto de sua atitude interior. Portanto, não podemos dizer que as crenças espirituais de uma pessoa não tenham relação com suas atitudes emocionais. Quer o homem acredite ou não, no que e como ele acredita, a atitude com a qual decide acreditar ou não acreditar em uma força superior, tudo isso está diretamente relacionado com sua integridade mais íntima, sua honestidade consigo mesmo, seu pleno desejo de ser verdadeiro consigo

mesmo sobre todas as questões. Desta forma, é inteiramente correto afirmar que qualquer conceito errôneo em sua psique que gere reações em cadeia negativas é resultado do fato de ele não querer ficar com a verdade. Por um motivo ou por outro, ele acredita que não ficar com a verdade é melhor para ele do que o contrário. Isso tem como resultado uma das reações em cadeia negativas que se autopetpetuam.

Não saber que todas as possibilidades, toda a perfeição, toda a satisfação já é uma realidade bem no fundo do núcleo do eu, tem relação direta com o equívoco propositado sobre a vida pessoal de cada um. Agora eu volto a um ponto exposto no início desta palestra, que o homem muitas vezes quer ignorar as possibilidades e poderes que possui. Ele também faz isso em parte porque sente prazer na queixa e na infelicidade. Em parte, ele realmente tem medo desses poderes. Tem medo da possibilidade da felicidade. Tem medo de não ser capaz de lidar com ela. Tem medo do êxtase de uma vida vivida à perfeição, assim como tem medo da morte, assim como tem medo de toda grande experiência que o tira de si mesmo. É esse medo vago, não enunciado que faz o homem deliberadamente adotar a negatividade e (inconscientemente) infringir as leis que lhe possibilitam o desenvolvimento de que falamos aqui. É somente quando ele já se envolveu consideravelmente nessa reação em cadeia negativa, com toda a sua dor e frustração, que ele anseia por voltar ao ponto de partida, ponto por ponto, aos elos dessa cadeia que ele mesmo criou, até atingir o nível de origem, com todos os seus potenciais e poderes. Finalmente, ele não fugirá mais do êxtase de uma vida vivida de fato, onde existem a abundância, a verdade, o amor e as possibilidades ilimitadas em todas as direções do seu ser. Mas ele ainda terá de se aclimatar ao novo ambiente para respirar, e essa aclimatação somente é possível quando ele estiver verdadeiramente disposto a renunciar à negatividade e à destrutividade.

Nas últimas palestras, falamos sobre o fato de que muitos estão começando agora, pouco a pouco, a descobrir a sua destrutividade propositada, como querem ser destrutivos, como chafurdam no desejo de serem destrutivos. E esse é um grande progresso, meus amigos, pois se não soubessem disso, estariam mais afastados do nível do seu ser onde todo o bem existe, e precisariam encontrar esse elo essencial. Não saber o que sentem e querem e objetivam torna impossível ir em qualquer direção. Vocês caem na famosa armadilha em que ficam paralisados, insensíveis, sem vida. Portanto, em primeiro lugar é preciso reconhecer todos os seus objetivos, todos os seus desejos e vontades – construtivos ou não, por mais que até agora tenham estado inconscientes. Essa é uma parte essencial do trabalho que fazemos juntos. Depois que isso acontecer vocês podem verificar, como alguns já começaram a fazer, que são propositadamente destrutivos nas áreas em que se sentem infelizes. Depois, quando tiverem consciência disso, já não estarão tão afastados. Mas a maioria de vocês, meus amigos, que já descobriu essa destrutividade propositada (e os que ainda não descobriram ainda precisarão perceber isso), eu incito a se examinarem sob essa luz. Vocês vão descobrir que ainda não chegaram ao ponto em que verdadeiramente desejam renunciar a essa destrutividade; que não querem verdadeiramente passar dessa destrutividade para uma atitude construtiva, inclusiva, amistosa em relação à vida e aos outros. Vocês ainda não querem renunciar ao autocentrismo e ao isolamento e aceitar uma nova maneira de viver em que incluem os outros, em que constroem ao invés de destruir, em que querem contribuir mesmo que isso signifique abrir mão da importância do pequeno ego. O desejo de estar com os outros e não contra eles precisa ser expresso. Toda essa nova atitude e modo de viver precisam ser realmente desejados, adotados, cultivados. De outra forma, nada acontece, isso não acontece por si só, mas apenas se o ego desejar.

Somente então poderão desaparecer todos os seus medos, todo o seu senso de falta de valor. No entanto, a destrutividade alega ser menos sem valor por ser destrutiva. Esse é o erro em que a maioria aqui presente ainda incorre. Nesse nível, precisam trabalhar. Pois bem, quando tomarem essa decisão essencial de renunciar à destrutividade, haverá uma batalha em seu interior. Vocês vão descobrir um medo maior do desenvolvimento construtivo, da felicidade e da plenitude do que do isolamento e da dor. Isso pode parecer absurdo, porém quando testarem seus sentimentos, vão ver que é assim. Afirmem os seguintes pensamentos

na sua psique: “Minha destrutividade deliberada é assim e assim e assado (o que tiverem descoberto no seu trabalho pessoal). Realmente desejo renunciar a ela. Quero a construtividade. Não fiz essa opção à força ou por obrigação, mas sim porque é meu desejo.” Nesse momento, vão descobrir um medo. Esse minúsculo núcleo de medo, ainda vago, nebuloso, indistinto – é esse núcleo de medo que precisam colocar em foco. Esse é o ponto da reação em cadeia no qual a maioria de vocês está agora – ou estará em breve, se o seu trabalho continuar de acordo com as suas possibilidades neste momento. Ou já chegaram lá, ou estão pres-tes a descobrir e colocar em foco a destrutividade.

O ponto seguinte é por que gostam de manter essa situação? Por que efetivamente acham que ela é mais segura do que a expansão ilimitada do bem que se abre quando abrem mão da destrutividade, da negação, da negatividade? O que é esse medo? Essa deve ser a questão. Receio que não possamos desenvolver essa questão hoje, pois seria outra palestra. Mas vamos examinar isso. Talvez alguns tenham algo a contribuir sobre esse tópico, ou perguntas a fazer, que vão levar ou ajudar a levar todos para essa próxima fase, para esse novo elo da reação em cadeia, esse ponto seguinte que eu mencionei. Quando entendermos o medo que têm do bem, que os fazem se apegarem ao negativo, então não estarão mais longe do núcleo original onde existe tudo de que precisam, onde podem estar em contato com o seu centro que lhes dá todos os poderes para dominar a sua vida e desenvolvê-la ao máximo possível. Mas muitas áreas enevoadas, obscuras, indistintas precisam ser esclarecidas antes de se atingir esse ponto. Quando não se quer ver a destrutividade, como ela é proposital, é que se fica paralisado. Este é, essencialmente, o ponto mais importante deste trabalho. Todas as outras são questões secundárias, detalhes que precisam ser examinados para adquirirem uma consciência precisa da destrutividade propositada e do evitar do desenvolvimento produtivo e positivo.

Alguém aqui tem alguma ideia, alguma percepção desse medo de abrir mão da destrutividade? Do medo do bom, em que a destrutividade parece mais segura? Alguém quer fazer perguntas a esse respeito?

PERGUNTA: Eu tive uma experiência mais ou menos assim quando tomei a decisão de abrir mão de minha destrutividade e crueldade e convoquei a ajuda do meu eu divino. Eu estava progredindo muito bem até que veio um teste e eu fugi para o outro lado. Não pude encarar e todas as velhas emoções negativas e destrutivas voltaram. Eu sofri muito. Não conseguia parar. Eu não sabia até agora, quando você mencionou, que era medo.

RESPOSTA: Então você está agora exatamente no ponto que eu mencionei, exatamente. Alguém mais tem algo a perguntar ou a contribuir?

PERGUNTA: Esse é um assunto com o qual venho lutando há um bom tempo e estou muito ciente desse medo. A única contribuição que posso fazer é dizer que, para mim, o único meio de lidar no momento é ter a questão sempre em mente e meditar no assunto e na percepção do enorme medo da alegria e da felicidade descontraída. Tudo se tensiona quando as coisas vão bem e estou feliz. Todo o meu corpo fica quase incapaz de descontraír; eu começo a ter atividade demais. Mesmo que seja uma atividade exteriormente construtiva, ela destrói a felicidade. Eu gostaria de saber se existe alguma outra coisa que eu possa fazer neste momento para sair disso.

RESPOSTA: Sim, você deveria se concentrar no momento – ao mesmo tempo em que afirma para si mesmo o desejo pela construtividade, felicidade, realização – e expressar o conhecimento de que essa possibilidade existe em você. Ao mesmo tempo, é necessário que tenha consciência mais clara da destrutividade deliberada. Existe, naturalmente, uma ligação direta entre as duas coisas, como disse nesta palestra. Na medida em que a destrutividade deliberada é inconsciente e, portanto, não pode ser abandonada, a felicidade não pode ser aceita. Quando se compreende a destrutividade deliberada e em que forma ela existe (não ne-

cessariamente em atos, mas talvez predominantemente em emoções ocultas, que só podem levar a atos correspondentes indiretos, bem como a vagos pensamentos e desejos meio conscientes), quando isso estiver concisamente concretizado na sua consciência, nesse momento você vai entender qual é o seu bloqueio. O passo seguinte ao qual estamos chegando lhe ficará acessível. Como eu disse, vou falar mais detalhadamente desse tópico na próxima palestra. Talvez também façamos um preparo melhor na sessão dedicada a perguntas e respostas. Vai haver uma palestra completa sobre esse medo, mas em hipótese alguma esse medo pode ser compreendido enquanto a destrutividade deliberada não for consciente. Aconselho-o a trabalhar nisso, meu querido.

PERGUNTA: Há pouco tempo é que tomei consciência dessa destrutividade. Está muito claro para mim que essa destrutividade é dirigida contra minha mãe. Eu saboto os aspectos positivos da vida porque quero irritá-la e, de certa forma, provar-lhe que nada do que ela espera de mim eu vou cumprir. Isto está bem claro. Ao mesmo tempo, existe uma resistência a mudar. Quando eu me vejo em uma situação em que posso fazer isso e não mais querer seguir esse padrão irracional, sem sentido, alguma coisa me detém. Acho que tenho medo de renunciar a algo que não sou capaz de identificar, mas só sei que eu me agarro tenazmente a isso. É uma espécie de esperança que seria uma espécie de transformação mágica da minha vida. Será que você poderia me esclarecer um pouco a respeito desse medo?

RESPOSTA: O que vou dizer sobre esse medo agora é que é um medo muito básico de remover. Você pode dar a ele o nome de medo da morte, mas é muito mais do que isso. Ele surge sempre que o homem está em movimento, quando a personalidade está verdadeiramente vibrando na harmonia das forças cósmicas, que pode ser aquilo que é chamado de morte. Ele ocorre também em outros casos, mas nem sempre ocorre na chamada morte. Isso depende do estado de desenvolvimento. A pessoa temerosa sente isso como um pavoroso desaparecimento do eu. Esse medo também se aplica à união entre os sexos. Ele existe em qualquer estado criativo em que o ego não está muito fortemente ligado ao ser interior. É esse desaparecimento e união à corrente universal do ser que o homem teme. O desaparecimento e o abandono do pequeno eu também existe, é claro, em estados não saudáveis, por meio de doença, por meio de drogas, etc. Quando o ego é perdido porque estava fraco demais, o processo não é saudável. Mas quando o homem adquiriu um ego saudável, ele precisa chegar ao ponto em que é capaz de abrir mão dele. Esse abandono parece assustador. É uma questão de confiança. Enquanto o homem não tem uma profunda confiança em si mesmo, ele não consegue confiar nas forças universais. Ao abrir mão do pequeno ego, ele cresce como pessoa e se reencontra. A confiança no ego aumenta proporcionalmente na medida em que se renuncia à destrutividade. Primeiro é preciso renunciar à destrutividade para que o homem possa renunciar a si mesmo. Depois, quando ele entender esse medo, será mais fácil fazer isso. Em termos gerais, esse é o profundo medo inerente.

PERGUNTA: Você diria que o excesso de emotividade é destrutivo?

RESPOSTA: É claro, tudo que é "excessivo" implica um desequilíbrio, uma perturbação.

PERGUNTA: Como combater isso?

RESPOSTA: Combater implica uma disciplina vigorosa, uma supressão, e isso não é desenvolvimento real. O desenvolvimento real gera necessariamente uma personalidade que não precisa ficar em guarda, que pode se permitir descontraír e confiar em seus processos interiores. Esse estado pode ser atingido mediante a investigação da forma específica como o excesso de emotividade existe. Provavelmente ele se manifesta apenas de determinadas maneiras, enquanto outras emoções são proporcionalmente empobrecidas por causa do exagero de emoções em outros aspectos. Quando a personalidade não ousa manifestar sentimentos

naturais e espontâneos em determinadas áreas, por medo, por alienação ou por um mecanismo de defesa propositado e falso, há um excesso de emotividade em outras áreas, como sempre acontece na personalidade humana. A natureza procura restaurar o equilíbrio quando a ordem natural é perturbada. O equilíbrio precisa ser restaurado para que a personalidade fique em harmonia e em paz. Depois que a insuficiência de emoções é corrigida e a pessoa pode preencher esse vazio, o excesso de emotividade também cessa. As duas manifestações são dolorosas, tanto a do vazio como a do excesso. Essas duas dores se transformam em prazer quando a harmonia é atingida.

**PERGUNTA:** Mantenho um sentimento de culpa porque ele me dá um prazer negativo, destrutivo. Se eu parasse com isso, eu acharia (de maneira totalmente irracional) que então, sendo feliz, eu teria medo da morte. Acho que a morte não importa quando estou infeliz, portanto não me permito ser feliz.

**RESPOSTA:** No momento em que você consegue reconhecer, você tem a força para renunciar a isso. Mais uma vez, trata-se do medo da morte, o medo de não ter individualidade, de não ter consciência. Só é possível enfrentar esse medo quando existe confiança – principalmente confiança no eu. E essa confiança não pode ser conquistada enquanto a personalidade jogar esses jogos mágicos, infantis, de barganha e, em última análise, desonestos.

Meus amigos, quando quiserem encontrar o caminho de volta ao centro interior, a esse movimento interior, no fim sempre chega o momento em que vocês dizem “vou abrir mão”. Esse abrir mão pode significar renunciar à destrutividade, à crueldade, à fuga ou a qualquer outro modo de vida improdutivo, ou pode significar confiar-se ao fluxo da vida, mas de qualquer forma precisa haver essa capacidade de abrir mão. Enquanto lutarem contra ela, gerarão uma desarmonia entre o fluxo da sua vida e o fluxo cósmico, do qual vocês fazem parte. É como um rio cujo fluxo tranquilo é perturbado por obstruções e fortes contracorrentes. O distúrbio gerado nesse fluxo universal somente pode ser eliminado quando se descobre esse fluxo e se entregam a ele. É necessário entregar-se a ele e esperar o que virá. Não se trata de abrir mão da personalidade, da individualidade ou da consciência – absolutamente não é isso.

No entanto, só saberão da verdade dessa afirmação depois que a experimentarem. Quando a sua consciência é um núcleo muito rígido, a harmonia não pode ser instaurada. O ego exterior tornou-se muito forte e foi depositada muita confiança nele, de uma forma distorcida, enquanto se depositou confiança insuficiente em outros níveis da personalidade que funcionam de maneira autônoma quando têm uma chance e com os quais o ego exterior precisa, finalmente, se integrar, para que ocorra o funcionamento harmonioso. Quando há ênfase demais no ego exterior, o resultado é a separação desse centro de funcionamento autônomo, constantemente unido à corrente universal. Esta é a separação que discutimos nesta palestra. Quando abrem mão e se entregam à corrente da vida, a essa realidade cósmica do ser, quando se entregam a ela, o seu ego não deixa de existir. Ele passa a ser verdadeiramente uma parte descontraída da consciência maior dentro de vocês. Isso significará uma confiança em si mesmos que jamais conheceram.

No fim, isto significa uma entrega pessoal. Esse é o ato final necessário. Ocasionalmente, com algumas pessoas, acontece numa etapa anterior deste caminho (apenas até certo ponto, naturalmente). Com outros, vem mais tarde, mas fatalmente virá. E quando eu digo neste caminho, estou me referindo a muito mais do que este trabalho específico, neste grupo específico. Estou me referindo a um modo de vida, a uma vida como tal. Se a vida for vivida corretamente, ela leva a esse resultado. Ela leva a toda essa percepção, a todas essas ações interiores e transformações. Ela leva a renunciar a toda a negatividade que discutimos aqui de muitos ângulos.

Agora, meus amigos, abençoo a todos. Que esta palestra, estas palavras, possam ajudá-los a seguir o

caminho interior que precisa ser trilhado. Que ela possa ajudar a perceber que tudo que podem desejar está dentro de vocês. Que ela possa ajudar a perceber que não há nada a temer, que soltar-se e entregar-se à corrente da vida, ao bem e ao desenvolvimento que os deixa encolhidos de medo, não deve provocar medo algum.

Bênçãos para todos. Que a força, o amor e a verdade que podem transcendê-los, se permitirem, os envolva. Fiquem em paz. Fiquem com Deus!

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada/Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork® Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork® Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork® Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork® Foundation.